



Primeiro relato

1.

O amor, dizer o quê?, fala-se tanto dele, mas não acho que eu tenha usado a palavra com frequência, aliás, minha impressão é que nunca recorri a ela, apesar de ter amado, claro que amei, amei até perder a cabeça e os sentimentos. De fato, o amor tal como o conheci é uma lava de vida bruta que queima a vida fina, uma erupção que anula a compreensão e a piedade, a razão e as razões, a geografia e a história, a saúde e a doença, a riqueza e a pobreza, a exceção e a regra. Resta apenas uma agonia que torce e distorce, uma obsessão sem remédio: onde ela está, onde não está, o que está pensando, fazendo, o que disse, qual era o verdadeiro sentido daquela frase, o que não está me dizendo, e se passou bem como eu também passei, e se continua bem agora que estou longe, ou se minha ausência a debilita como a dela faz comigo, me aniquilando, tirando de mim toda a energia que sua presença produz, o que eu sou sem ela, um relógio parado na esquina de uma rua movimentada, ah, já a voz dela, ah, estar ao lado dela, encurtar a distância, zerá-la, apagar quilômetros, metros, centímetros, milímetros, e me fundir, me confundir, deixar de ser eu, aliás, já começo a achar que nunca fui senão nela, no prazer dela, e isso me deixa orgulhoso, me deixa alegre e me deprime, me entristece, e de novo me reacende, me eletriza, como eu gosto dela, sim, eu só quero o bem dela, sempre, não importa o que aconteça, mesmo que ela se esquive, mesmo que ame outros, mesmo que me humilhe, mesmo que me esvazie de tudo, até da capacidade de gostar dela. Quanta coisa absurda pode acontecer na cabeça, gostar já sem conseguir gostar, odiar mesmo continuando a gostar. Comigo aconteceu, por isso evitei a palavra o máximo possível, não sei o que fazer com o amor seráfico, o amor que conforta, o amor que toca os sinos, o amor que purifica, o amor patético: é por estranheza que

a usei tão pouco durante minha longa vida. Entretanto usei muitas outras — agonia, fúria, languidez, abatimento, necessidade, urgência, desejo —, temo que demasiadas, as quais pesco em cinco mil anos de escrita, e poderia seguir adiante quem sabe quanto. Mas agora tenho de passar a Teresa, foi ela quem sempre se recusou a estar dentro dessa combinação de quatro letras e no entanto as quis para si, e ainda quer, milhares e milhares de outras.

Eu tinha uma queda por Teresa desde que ela se sentava numa cadeira perto da janela e era uma de minhas alunas mais animadas. Mas só me dei conta disso quando, depois de um ano de formada, ela me ligou, veio me esperar na saída da escola, me falou de sua turbulenta vida universitária enquanto caminhávamos num belo dia de outono e de repente me beijou. Aquele beijo foi o marco inicial de nosso relacionamento, que durou ao todo uns três anos, entre exigências de fato nunca satisfeitas de absoluta posse recíproca e tensões que terminavam em insultos, choros e mordidas. Lembro uma noite na casa de conhecidos, éramos sete ou oito pessoas. Eu me sentava ao lado de uma jovem nascida em Arles que estava em Roma havia alguns meses e tinha um modo tão sedutor de desmontar o italiano que eu preferiria ouvir apenas a voz dela. Mas todos conversavam ao mesmo tempo, sobretudo Teresa, que falava coisas muito inteligentes com seu habitual jeito generoso e extremamente preciso. Devo admitir que, fazia uns meses, eu começara a me incomodar com aquela sua vontade de estar sempre no centro, subindo o nível até mesmo da conversa mais frívola, por isso tendia a interrompê-la frequentemente com alguma ironia, mas ela me fulminava com o olhar e dizia: desculpe, quem está falando sou eu. Naquela ocasião eu talvez tenha ido um pouco além do suportável: gostava da jovem de Arles e queria que ela gostasse de mim. Então Teresa se virou furiosa em minha direção, pegou a faca do pão e gritou: experimente cortar de novo minha fala que eu corto sua língua e mais outra coisa. Brigamos em público como se estivéssemos a sós, e hoje penso que de fato estávamos, a tal ponto nos vimos

absorvidos um pelo outro, no bem e no mal. Nossos conhecidos estavam lá, sim, havia a garota de Arles, mas se tratava de figuras supérfluas, só contava nossa contínua atração e repulsa. Era como se gostássemos um do outro sem medida apenas para poder apurar que nos detestávamos. Ou vice-versa.

Naturalmente não faltavam períodos felizes, quando falávamos de tudo, brincávamos e eu lhe fazia cócegas até que, para me fazer parar, ela me enchia de beijos intermináveis. Mas isso não durava, nós mesmos éramos os perturbadores de nossa convivência. Parecíamos convencidos de que a violência com que injetávamos continuamente desordem entre nós enfim nos transformaria num casal harmônico; mas essa meta, em vez de se aproximar, só se afastava. A vez que descobri, graças a uma fofoca da mesma garota de Arles, que Teresa se mostrara em atitudes íntimas demais com um conhecido acadêmico macilento e destrambelhado, dentes podres, olhos doentios, uns dedos que mais pareciam pernas de aranha com os quais martelava um piano para alunas em êxtase, fui tomado de tal repugnância por ela que voltei para casa e, sem explicações, agarrei-a pelos cabelos, arrastei-a até o banheiro e queria eu mesmo lavar cada milímetro de seu corpo com sabão de Marselha. Eu não gritava, falava com a costumeira ironia, dizia: sou um homem de visão aberta, faça o que lhe der na telha, mas não com um cara tão nojento. E ela escapava, esperneava, me dava tapas, me arranhava, gritava olha aí o que você é de verdade, vergonha, vergonha.

Daquela vez, brigamos de um jeito que parecia definitivo, não dava para voltar atrás depois das coisas que jogamos na cara um do outro. No entanto, mesmo naquela ocasião, conseguimos nos reconciliar. Ficamos abraçados até o amanhecer, rindo da garota de Arles, do pianista e docente de citologia. Mas agora estávamos assustados com o risco que havíamos corrido de nos perder. E foi aquele susto, acho, que nos levou logo em seguida a buscar uma maneira de marcar para sempre nossa dependência recíproca.

Teresa insinuou cheia de dedos uma proposta e disse: vamos

combinar que eu te conto um segredo horrível meu, que nem a mim mesma nunca tentei dizer, e você me conta um seu equivalente, uma coisa que, se fosse descoberta, te destruiria para sempre. Sorriu como se estivesse me convidando para um jogo, mas lá no fundo me pareceu muito tensa. Logo me senti também ansioso, fiquei assustado, preocupado que ela, aos vinte e três anos, pudesse ter um segredo tão inconfessável. Eu, que estava com trinta e três, tinha um, e se tratava de uma história tão embaraçosa que só de pensar nela eu me ruborizava, baixava os olhos para a ponta dos sapatos, esperando que a perturbação passasse. Demos voltas em torno do assunto, nos perguntando quem confessaria primeiro.

— Primeiro você — ela disse, e o tom era imperioso e irônico, o mesmo que costumava usar quando transbordava de afeto.

— Não, primeiro você, preciso avaliar se seu segredo é tão horrível quanto o meu.

— E por que eu deveria confiar, e você não?

— Porque conheço meu segredo e acho impossível que você tenha um tão inconfessável.

Por fim, depois desse vaivém ela acabou cedendo, especialmente irritada — suponho — com o fato de eu não considerá-la capaz de ações inomináveis. Deixei que falasse sem interrupções e no final não consegui formular um comentário adequado.

— E então?

— É feio.

— Eu te avisei, agora é sua vez. E, se me contar uma tontice, vou embora e você nunca mais me vê.

Então me abri, a princípio de modo fragmentário, depois cada vez mais articulado, e não queria parar de falar, foi ela quem disse chega. Soltei um longo suspiro e disse:

— Agora você sabe de mim o que ninguém nunca soube.

— E você também sabe de mim.

— Não podemos nos deixar nunca, de fato estamos nas mãos um do outro.

- É.
- Não está contente?
- Estou.
- Foi uma ideia sua.
- Foi.
- Gosto de você.
- Eu também.
- Mas eu gosto muito.
- E eu muito, muito.

Poucos dias depois, sem bater boca, ao contrário, com um protocolo cortês que nunca tínhamos usado entre nós, decidimos que nossa relação estava encerrada e de comum acordo terminamos.

2.

No início, me senti aliviado. No fim das contas, Teresa era uma menina insubordinada e briguenta, qualquer frase minha gerava uma objeção, qualquer fraqueza, uma tirada sarcástica. Sem falar que ela discutia não só comigo, mas com todo mundo, lojistas, funcionários dos correios, guardas de trânsito, policiais, vizinhos, amigos próximos. A cada ocasião de embate ela intensificava uma risadinha que parecia de alegria, mas era de raiva, um som gutural que escandia frases cheias de insultos como uma cesura. Pelo menos duas vezes saí na mão com gentalha que se esquecera de como tratar uma garota. Mas depois os dias foram passando, transcorreram semanas, acumularam-se meses de uma vagabundagem inconsequente, até que o alívio perdeu força e comecei a sentir falta dela. Ou melhor, percebi que o espaço desenhado por ela na quitinete em que tínhamos morado, ou ao lado de mim na rua, no cinema, em qualquer lugar, estava vazio, cinza. Que complicado, um amigo me disse certa vez, se apaixonar por uma mulher que em todos os aspectos é mais viva que nós. Meu amigo tinha razão: embora eu não fosse apagado, em Teresa havia um excesso de força vital, e quando ela transbordava, não havia barragem que a segurasse. Isso era lindo e me dava saudades, de vez em quando desejava

revê-la. Mas aí, justo quando eu estava me convencendo de que não havia nada demais em ligar para ela, topei com Nadia.

Não quero me estender muito sobre Nadia: era esquiva, muito contida até quando dizia bom-dia, gentilíssima, o contrário de Teresa. Topei com ela na escola, era formada em matemática, cultivava ambições acadêmicas e aquele era seu primeiro emprego. No início não a notei, estava muito longe do tipo de mulher que me atraía, parecia totalmente alheia aos tempos de efervescência política, literária e erótica em que me senti imerso antes, durante e depois de minha relação com Teresa. No entanto, alguma coisa nela — difícil dizer o quê, talvez o rubor que não sabia disfarçar — me agradou à medida que as semanas passavam, cada vez mais, e comecei a girar em torno dela. Provavelmente pensei que conseguiria armá-la contra aquela tendência a enrubescer, ensinando-a a romper os limites em todos os campos de sua vida, com palavras e talvez até com ações. À Teresa nunca ensinei nada, mesmo ela sendo dez anos mais nova que eu, mesmo tendo sido minha aluna naquele mesmo colégio onde eu ainda dava aulas. E isso me amargurou algumas vezes, ela parecia ter nascido pronta, ao passo que Nadia estava fechada num círculo minúsculo além do qual nunca se arriscara.

Primeiro comecei com frases gentis, depois assumi um tom divertido, por fim a convidei para um café na hora do intervalo. Café vai, café vem, aquilo se tornou um hábito, e notei que ela estava mais interessada que eu. Então um dia esperei umas duas horas, até que ela terminasse o trabalho, e propus almoçarmos juntos numa trattoria a poucos metros do colégio. Não aceitou, disse que tinha um compromisso, naquela ocasião descobri que estava noiva e se casaria no outono seguinte. De minha parte, contei a ela como amara uma mulher com quem tive vontade de passar a vida inteira, mas as coisas tomaram um mau caminho, terminamos a relação, e eu ainda sofria. Como ela ficou muito tocada por meu sofrimento, deixei passar uma semana, tornei a convidá-la, e dessa vez ela aceitou. Lembro que durante o almoço ela riu por qualquer coisa que eu dizia, estava

nervosamente alegre. Enquanto esperávamos o prato principal, apoiei a mão na mesa a poucos milímetros da sua.

— Posso beijar sua mão? — perguntei, roçando-lhe o mindinho sobre a toalha branca, ao lado do copo cheio de vinho.

— Como assim, por quê? — exclamou, retraindo a mão de modo tão brusco que o copo teria tombado se eu não o tivesse agarrado com uma prontidão de reflexo que nem eu mesmo desconfiava ter. Respondi:

— Porque me veio o desejo.

— Deveria guardá-lo para si, é uma bobagem, não dizemos todos os desejos.

— Há bobagens que são maravilhosas de dizer, e de fazer também.

— Bobagens são e continuam sendo bobagens.

Uma frase definitiva, mas pronunciada com doçura: sabia ser gentil até nas repreensões. Depois ela quis ir para casa de ônibus, mas me ofereci para acompanhá-la com meu R4 caindo aos pedaços. Aceitou, e assim que nos sentamos lado a lado tornei a buscar sua mão com insistência. Dessa vez ela não se retraiu, talvez sobretudo pelo espanto, e eu fiz seu pulso girar com delicadeza, levei a palma até a boca e, em vez de beijar, a lambi. Então olhei para ela, esperando que protestasse enojada, mas vi em seu rosto um sorriso apenas esboçado.

— Fiz por brincadeira — me justifiquei, incomodado de repente.

— Certo.

— Você gostou?

— Gostei.

— Mas acha que é uma bobagem.

— Acho.

— E então?

— Faça mais uma vez.

Lambi sua palma de novo, depois tentei beijá-la, mas ela me repeliu. Disse em voz baixa que não podia, se sentia em culpa com o noivo, fazia seis anos que estavam juntos e felizes. Então passou a me falar dele sem parar, que na juventude tinha sido

uma promessa do basquete, depois optou pelo estudo em vez do esporte e agora era um jovem químico que já trabalhava numa indústria importante, com um salário muito bom. Aquela última informação não me agradou, tive a impressão de que ela sublinhava, por contraste, que eu era apenas um professor de letras do ensino médio e não tinha o direito de encher-lhe a cabeça de conversas que perigavam arrastá-la para um caminho de perdição. Insisti em beijá-la e, como virou mais uma vez o rosto, exclamei:

— É só um beijo, que te custa?

— Um beijo é um beijo.

— Passo só a ponta da língua em seus incisivos.

— Não.

— Então só roço de leve seus lábios.

— Me deixe em paz.

— Que mal tem uma troca afetuosa?

— Tem que não quero magoar Carlo.

Carlo era o químico brilhante que ela amava havia anos. Disse que sempre tinha sido fiel a ele e que não era sua intenção jogar fora uma relação sólida por minha causa. Protestei:

— E bastaria um beijo para magoá-lo? Ele se acha o proprietário de sua boca e de sua língua?

— Não é questão de propriedade, mas de humilhação. Se você tivesse uma noiva, ela não se sentiria humilhada?

— Se eu tivesse uma noiva e ela se sentisse humilhada, eu a deixaria imediatamente. Onde é que está a humilhação?

Pensou um pouco, sussurrou:

— O beijo é a síntese do coito.

— Quer dizer que, se nos beijamos, trepamos?

— Simbolicamente, sim.

— Acho um exagero. De todo modo, um coito simbólico não faz mal a ninguém. Se Carlo é tão vulnerável, basta não contar nada a ele.

— Está sugerindo que eu minta?

— A mentira é a salvação da humanidade.

— Eu não minto nunca.

— Então vai ter de contar a ele que lambi a palma de sua mão.

— Por quê?

— Porque no início, não, mas depois fiz aquilo com uma intenção simbólica.

Ela corou, me olhou desorientada, e aproveitei para beijá-la levemente na boca. Como não se esquivou, apertei seu lábio inferior entre os meus, o prendi por alguns segundos e então o deixei para deslizar dentro dela com a ponta da língua. Já ia me retirar para verificar o efeito daquela brevíssima incursão quando foi Nadia quem afundou decididamente a língua em minha boca, uma língua viva, lisa e quente. Agora passava os braços em volta de minha nuca e os lábios aderiam pressionando com força, enquanto as línguas vasculhavam em cada canto da cavidade oral. Quando se despreendeu de mim — jogando a cabeça para trás como a se esquivar de um soco —, vi nela um outro rosto, de traços suavizados, com um olhar que era de desafio e, ao mesmo tempo, como se tivesse acordado naquele instante e tentasse sair de um torpor que a dominara. Procurei atraí-la de novo para mim, mas ela resistiu. Falei: mais, por favor, e ela não quis. Dei partida no carro e a levei para casa.

3.

Já dez minutos depois, aquele beijo me provocou uma tal necessidade dela que eu mesmo fiquei espantado. Nossa relação me parecia pouco mais que uma brincadeira, mas logo passei a pressionar, não havia dia que não a convidasse para almoçar, ir ao cinema, jantar. Como ela sempre se negava com elegância, certa manhã a detive depois das aulas num corredor deserto e lhe disse:

— Gosto de você.

— Eu também.

— Então por que escapa?

— Porque me faz mal.

O mal — ela explicou — era porque ela amava seu Carlo, e o bem que me queria desgastava o amor que tinha por ele. Depois daquela explicação longa e cheia de balbucios sofridos, à qual

repliquei que eu não apenas gostava dela, mas já sentia que a amava, aceitou jantar comigo num local sofisticado que eu conhecia.

Era inverno, fazia frio, chovia, mas a dois passos do restaurante virei numa estradinha escura e desliguei o motor. Ela pediu murmurando que eu desse a partida, respondi tudo bem, mas tentei abraçá-la. Me rechaçou, depois riu, depois sussurrou que queria ficar só um minuto, tranquila, com a cabeça apoiada em meu ombro. Nos ajeitamos de modo que, cada um em seu banco, aquele desejo de paz se realizasse. Mas, assim que ela se acomodou, aproximei os lábios dos seus e nos beijamos longamente. Senti com surpresa que a amava de verdade e não queria parar de beijá-la.

Até não muito tempo antes, achei que amava Teresa, que era alta e, apesar de magra, grande em tudo, os ombros, os quadris, os seios; que desprezava convenções e sempre se exprimia com franqueza; que mal tolerava não só os erros cometidos contra ela, mas sobretudo os feitos contra os outros; que considerava o sexo uma desenfreada manifestação de bom humor, as coisas importantes eram outras. Agora, entretanto, tinha a impressão de amar Nadia, que ao contrário era de corpo miúdo, contida, sempre atenta a não dizer coisas desagradáveis; e, quanto ao sexo — agora estava claro —, até mesmo deixar que lhe segurasse a mão, que entrelaçasse os dedos nos seus, lhe parecia acionar uma cadeia de significados complexos, capazes de reorganizar sua existência. Inútil dizer a mim mesmo: calma, reflita, não dá para passar de um modelo feminino ao seu avesso. O fato de que Nadia estivesse a mil léguas de Teresa me comovia de modo inexplicável, eu a sentia como uma menina, uma pequena Nadia permanentemente assustada por possíveis punições. Assim desfrutei dos beijos como nunca me acontecera antes e, para impedir que ela se retraísse interrompendo o contato entre as bocas, evitei qualquer tentativa de procurá-la com as mãos sob o abrigo do casaco espesso. Foi ela que a certa altura soprou em minha boca: vamos comer; e respondi, rouco de emoção: vamos.

Seguimos para a trattoria, que ficava no alto de uma rua estreita. Fazia cada vez mais frio, e a tomei pelo braço enquanto chegávamos à entrada vistosamente iluminada. Falei evitando tons irônicos, não tinha mais vontade de ironias:

— Me sinto muito agitado.

— Está nervoso?

— Não, estou contente, mas o desejo me deixou abalado.

Você não está agitada?

— Em que sentido?

— Perturbada, sabe o que eu quero dizer.

— Posso não responder?

— Diga em meu ouvido.

— Não te digo nada.

— Por favor.

Me inclinei e encostei o ouvido em sua boca. Nadia meteu a língua dentro dele e eu me retraí num impulso, enxugando-o com o indicador. Falou com os olhos brilhantes:

— Satisfeito?

Voltamos e nos fechamos no carro, não fomos ao restaurante. No dia seguinte, assim que nos encontramos na escola, ela me disse que tinha contado tudo ao noivo, não conseguira mentir.

— Tudo o quê?

— Tudo.

Perguntei se queria casar comigo.

4.

Uma semana antes do casamento, topei com Teresa. Eu tinha acabado de sair da escola e me dirigia para o carro, conversando com três alunos, quando ela apareceu do outro lado da rua numa vespa e diminuiu a marcha, gritando: Pietro, seu pilantra, você ainda está vivo. Eu — talvez porque ela estivesse toda encapotada — num primeiro momento me virei para entender se a mulher que tinha gritado Pietro, seu pilantra, você ainda está vivo estava se dirigindo a mim ou a outro. Ela deve ter percebido a hesitação, porque, quando me despedi dos estudantes, atravessei a rua e me aproximei dela, falou com a

habitual ironia, fingindo se lamentar: depois de ter jurado dez mil vezes que me amaria para sempre, já se esqueceu de mim. Me justifiquei culpando o capuz, a echarpe, a jaqueta e, depois de um bate-papo genérico, tentei me safar. Mas Teresa disse que conhecia uma rotisseria nova, onde faziam ótimos *arancini*,^[1] e exclamou com o tom imperativo de costume: suba, em cinco minutos comemos e te trago de volta.

Obedecer foi um erro. Em poucos segundos voltou a velha intimidade dos corpos, reconheci o cheiro dos cabelos que saíam aos cachos do capuz, tornei a ouvir a voz que dizia, logo arrastada pelo vento: não me segure pelos quadris, seu bobo, senão caímos. Sempre gostei que ela me levasse na vespa. Nos primeiros tempos de nossa relação, ela se oferecia para me levar a qualquer canto, e era muito bom senti-la entre minhas pernas. Às vezes, quando não estávamos brigados, eu a beijava no pescoço, apoiava a cabeça em suas costas, e ela me recompensava ajeitando-se melhor no selim, de modo a se colar o máximo possível em mim. Em suma, revê-la me comoveu. Senti que, terminado o amor, milagrosamente a amizade não tinha acabado, ou pelo menos não a amizade que se nutre de uma intimidade física passada e que às vezes permite, sem constrangimentos, uma confiança perene. Comecei a contar a ela sobre um ensaio curto que tratava do estado da escola na Itália, uma coisinha que eu tinha escrito assim, só para manter a cabeça focada depois que terminamos, e o resumi tomando tanto tempo que ela exclamou, brincalhona: imagine se não fosse curto, nem uma coisinha. Logo em seguida, falei da morte repentina de minha mãe dois meses antes, e aí, sim, com poucas frases secas, deixando que ela se alongasse com palavras sinceras de consolo. Por fim anunciei que estava para me casar e lhe falei longamente de Nadia.

Ela também parecia à vontade. Me contou que estava prestes a viajar para os Estados Unidos, tinha conseguido uma bolsa de estudos numa universidade do Wisconsin. Me falou com sarcasmo de um namorado seu, também ele estudante de veterinária, que lhe dissera: ou os Estados Unidos ou eu, e ela

lhe respondera sem titubear: os Estados Unidos. Mostrou-se contente com meu casamento, disse: você nasceu de bunda para a lua, finalmente achou uma cretina que não se deu conta de quanto você é perigoso. Essa última tirada me chateou um pouco, mas não demonstrei, ao contrário, ri concordando e resmunguei: aprendi a me esconder melhor. Mas ela, por sua vez, se deu conta de que dissera algo que, apesar do tom divertido, podia soar incômodo e tentou — fato novo — remediar:

— Mas também tem muitas qualidades e, quando resolve dar espaço a elas, essa Nadia poderia até ser bem sortuda.

Seguimos naquela toada por mais um pouco, e então ela me acompanhou de volta até o carro. O tráfego era intenso e, quando ela se enfiava entre os veículos, eu, temendo bater com o joelho nas laterais dos carros e dos ônibus, me apertava contra suas coxas e me acalmava. A certa altura apoiei o rosto em suas costas, me veio à mente minha mãe na noite antes de morrer e caí no sono por uns instantes.

— Eu me senti muito bem — disse a ela quando chegamos ao carro, ao me despedir.

— Eu também.

— Divirta-se na América.

— E tente se comportar bem com Nadia. Não atormente a moça como fez comigo.

— Mas o que é isso, eu te amei muito.

— Podia ter feito melhor.

— Mas também pior.

— Quanto a isso não há dúvida. Mas lembre que, se você vacilar com essa pobre moça, eu sei coisas que podem te destruir.

Falou assim, com um tom alegre, e foi um instante, um longo instante que me pareceu uma agulha enfiada no estômago e logo extraída. Repliquei num tom igualmente alegre:

— Eu também sei coisas lindas sobre você. Por isso, olhe lá, ande na linha.

Íamos nos beijar no rosto quando, no último momento,